

**A Criação do Mercoeuropa e seus Efeitos no Bem Estar, PIB e Comércio Dos Países
Membros: Uma Aplicação de Equilíbrio Geral**

Marcos Falcão Gonçalves / BNB – Banco do Nordeste do Brasil
UFV – Universidade Federal de Viçosa
marcos.falcao@ufv.br

Cícero Zanetti de Lima
UFV – Universidade Federal de Viçosa
czlima@gmail.com

Erly Cardoso Teixeira
UFV – Universidade Federal de Viçosa
teixeira@ufv.br

Grupo de Pesquisa: 3 – Comércio Internacional

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo avaliar os efeitos da formação de uma possível Área de Livre Comércio entre o Mercosul e a União Europeia (*Mercoeuropa*) no PIB, bem estar e trocas comerciais dos países membros. A base teórica utilizada foi equilíbrio geral computável, sendo modelado via Projeto de Análise de Equilíbrio Geral da Economia Brasileira (PAEG) para as regiões brasileiras desagregadas. Os resultados apontam para crescimento do PIB, melhoria do bem estar, bem como melhoria nas trocas comerciais brasileiras, representadas pela importação e exportação. Quanto à União Europeia, os resultados apontam para melhoria no PIB e bem estar, redução das exportações dos principais produtos agropecuários e aumento das exportações de manufaturados.

Palavras-chave: Mercoeuropa – PAEG – Equilíbrio Geral

Abstract

The objective of this paper is to evaluate the effects of a possible Free Trade Area between Mercosur and European Union (*Mercoeuropa*) on economic growth, welfare and trade for the member countries. The theoretical basis is that of computable general equilibrium. The research problem is modeled through PAEG for Brazilian regions and Europe. The results point out to GDP growth, increased welfare as well as improvement in Brazilian trade. For the European Union, the results point out to GDP growth and welfare too, reduced exports of agricultural products and increased exports of manufactured goods.

Key words: Mercoeuropa – PAEG – General Equilibrium

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990 temos observado uma intensificação no processo de criação de blocos econômicos, tais como Mercosul, Nafta e União Europeia, com o objetivo de dinamizar o comércio entre os países membros, promovendo crescimento econômico dos mesmos.

Quando se observa a História Econômica mundial, verifica-se que, ainda no mercantilismo, havia a preocupação com o aumento das exportações (impulsionadas por meio de subsídios) e redução das importações (inibidas mediante adoção de tarifas), devendo conduzir à balança comercial favorável, um dos pilares para a riqueza da nação (BRUM, 2008).

Smith (1988), por meio da sua teoria das vantagens absolutas publicada em 1776, inverte a lógica mercantilista, ao afirmar não ser sempre necessário que um país obtenha excedentes de comércio exterior para que as trocas comerciais internacionais sejam vantajosas, e que as trocas voluntárias entre países podem beneficiar todos aqueles envolvidos na operação. Cada país deveria produzir bens que lhes conferissem vantagens absolutas, exportando o excedente e utilizando a receita equivalente para importar bens produzidos em países estrangeiros. A partir deste raciocínio, Smith concluiu que o comércio exterior eleva o bem estar da sociedade.

Utilizando o exemplo da Inglaterra (produtora de tecidos) e Portugal (produtor de vinhos), Ricardo (1996) avança na teoria de Smith, mostrando que, mesmo quando um país é absolutamente menos eficiente para produzir todos os bens, continua a participar no comércio internacional ao produzir e exportar os bens que produza de forma relativamente mais eficiente. Essa é a chamada teoria das vantagens relativas, publicada em 1817.

Sabe-se que, em economias pequenas, qualquer nível tarifário reduz o bem estar doméstico, enquanto que grandes economias podem obter ganhos de bem estar, desde que gerem ganhos em termos de troca superiores à perda da tarifa. Nessa linha, a formação de áreas de livre comércio aumentará o bem estar dos países membros caso haja aumento no volume de comércio no bloco.

Cabe aqui classificar as diversas formas de integração econômica, sintetizadas por Pinto (2004):

- i. Área de livre comércio: caracteriza-se pela liberdade de movimentos de produtos entre os países integrados e pela existência de uma política comercial própria de cada país membro relativamente a países terceiros;
- ii. União aduaneira: além da livre circulação de mercadorias, existe uma política comercial comum entre os países membros, traduzida na aplicação de uma tarifa externa comum às importações, por exemplo;
- iii. Mercado Comum: além das características de união aduaneira, intensifica-se pela liberdade de circulação de pessoas, serviços e capitais;
- iv. União econômica e monetária: caracteriza-se pela existência, entre vários Estados, de políticas econômicas concertadas, de uma moeda única e de um banco central comum, que detém o poder de emitir moeda.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo avaliar os efeitos da formação de uma possível Área de Livre Comércio entre o Mercosul (União Aduaneira formada por Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina) e a União Europeia (União Monetária formada por 25 países europeus), aqui chamada *Mercoeuro*, sobre o PIB, o nível de bem estar e as trocas comerciais dos países envolvidos. De forma específica, pretende-se determinar a variação no bem estar, crescimento econômico e volume de importação e exportação nos países membros, após a liberalização das tarifas à importação intra bloco.

Para atingir tal objetivo são utilizados o modelo, o banco de dados e o software do PAEG (Projeto de Análise de Equilíbrio Geral da Economia Brasileira) para mensurar os efeitos nas regiões brasileiras.

Vários são os trabalhos na área de comércio internacional, simulando choques, tais como eliminação de tarifas e subsídios (ou mesmo a sua criação) à importação e a formação de blocos comerciais.

Figueiredo *et al* (2001), por exemplo, analisam os efeitos que um possível acordo de livre comércio entre a União Europeia e os países da América Latina e Caribe teria sobre a agricultura brasileira e europeia. Concluem que os benefícios da liberalização seriam concentrados nos setores de maior vantagem comparativa: agronegócio para o Brasil e manufaturados para a União Europeia.

Por sua vez, Bueno (2013) avaliou o impacto que a adesão da Venezuela ao Mercosul terá sobre o bloco em termos de criação/desvio de comércio e de bem estar, encontrando resultados positivos, particularmente para as indústrias automobilística, de bens de capital e têxtil brasileiras.

Concernente à variação do bem estar, Bitencourt (2000) afirma que a criação de comércio acarreta aumento de bem estar, pois é resultado da transferência de um produtor menos eficiente para um produtor mais eficiente dentro do bloco, em virtude da eliminação das barreiras comerciais.

Silber e Curzel (2007), ao simular a formação de uma Área de Livre Comércio para as Américas (ALCA), constatam aumento de bem-estar para o consumidor argentino, em virtude da liberalização comercial.

A formação de um bloco econômico envolvendo os países do Mercosul com a União Europeia tem sido discutido em alguns trabalhos, a exemplo de Cypriano e Teixeira (2003), Fonsêca e Soares (2007), Pereira (2008) e Kegel e Amal (2013). Essa proposta tem avançado empiricamente, com a negociação dos governos do Brasil, Paraguai, Argentina e Paraguai, junto à Organização Mundial do Comércio, para preparar uma oferta aos países europeus para ampliação do comércio entre esses dois blocos (LANDIM, 2013).

Assim, o presente trabalho avança ao discriminar os resultados da formação do Mercoeuro dentre as regiões brasileiras. Além dessa Introdução, o item dois deste artigo apresenta a metodologia utilizada, levando à apresentação e análise dos resultados, bem como considerações finais.

2. METODOLOGIA

O Projeto de Análise de Equilíbrio Geral da Economia Brasileira – PAEG é um modelo econômico capaz de representar as economias das grandes regiões brasileiras e países parceiros (GURGEL *et al*, 2010). Sua estrutura básica advém do modelo GTAPinGAMS, que por sua vez é norteado pelo Global Trade Analysis Project – GTAP. Essa modelagem permite a solução de problemas econômicos como um problema de complementaridade não-linear, em linguagem de programação GAMS (TEIXEIRA *et al*, 2013).

O modelo PAEG é estático, multirregional e multissetorial. Cada região é representada por uma estrutura de demanda final, composta por despesas públicas e privadas com bens e serviços. O modelo baseia-se no comportamento otimizador. Sua consistência é mantida por meio do equilíbrio de mercado, balanço de rendas, competição perfeita e retorno constante à escala, de forma que os custos com insumos intermediários e fatores de produção se igualem ao valor da produção, e os lucros econômicos, a zero.

A função de produção tem elasticidade de substituição constante (CES), em que componentes do valor adicionado (fatores primários de produção) podem ser substituídos entre si, sendo tal processo determinado a partir de uma elasticidade de substituição, enquanto os insumos intermediários e o valor adicionado são combinados a partir de uma função Leontief. A escolha entre importações de diferentes parceiros comerciais é baseada na pressuposição de Armington (GURGEL *et al*, 2010).

O fechamento do modelo considera que a oferta total dos fatores primários não se altere, mas tais fatores são móveis entre setores, dentro de uma região. O fator terra é específico aos setores agropecuários, enquanto recursos naturais são específicos a alguns setores (de extração de recursos minerais e energia). Não há desemprego no modelo; portanto, os preços dos fatores são flexíveis. Pelo lado da demanda, investimentos e fluxos de capitais são mantidos fixos, bem como o saldo do balanço de pagamentos. Dessa forma, mudanças na taxa real de câmbio devem ocorrer para acomodar alterações nos fluxos de exportações e importações após os choques. O consumo do governo poderá alterar com mudanças nos preços dos bens, assim como a receita advinda dos impostos estará sujeita a mudanças no nível de atividade e no consumo.

A identidade contábil no conjunto do GTAPinGAMS para a produção interna, de acordo com Rutherford (2005) é

$$vom_{ir} = \sum_s vxmd_{irs} + vst_{ir} + \sum_j vdfm_{ijr} + vpdm_{ir} + vdim_{ir} + vdgm_{ir} \quad (1)$$

em que a produção doméstica (vom_{ir}) é distribuída para as exportações ($vxmd_{irs}$), serviços de transporte internacional (vst_{ir}), a demanda intermediária ($vdfm_{ijr}$), consumo das famílias ($vdpm_{ir}$), de investimento ($vdim_{ir}$) e consumo do governo ($vdgm_{ir}$).

A identidade contábil para Bens importados, que têm um valor agregado de vim_{ir} entre demanda intermediária ($vifm_{ijr}$), o consumo privado ($vipm_{ir}$) e o consumo público ($vigm_{ir}$) é:

$$vim_{ir} = \sum_j vifm_{ijr} + vipm_{ir} + vigm_{ir} \quad (2)$$

Insumos para Y_{ir} incluem insumos intermediários (nacionais e importados), fatores móveis de produção ($vf_{f_{ir}}$, $f \in m$), e os fatores fixos de produção ($vfr_{f_{ir}}$, $f \in s$). Fator de equilíbrio de mercado é dado por uma identidade relacionando o valor do fator pagamento a fator renda $\sum_i vf_{f_{ir}} = evom_{fr}$.

Condições internacionais de equilíbrio do mercado exigem que as exportações da região r do bem i (vxm_{ir}) seja igual às importações do mesmo bem em todos os parceiros comerciais:

$$vxm_{ir} = \sum_s vxmd_{irs} \quad (3)$$

Da mesma forma, as condições de equilíbrio são solicitadas para o mercado de serviços de transporte internacionais. Fornecimento global de serviços de transporte j , vt_j , é igual ao valor das exportações de serviços de transporte:

$$vt_j = \sum_r vst_{jr} \quad (4)$$

O equilíbrio entre oferta e demanda no mercado para o serviço de transporte j equivale à oferta de serviços de transporte para a soma em todos os fluxos bilaterais de comércio de insumos de serviços:

$$vt_j = \sum_{isr} vtwr_{jisr} \quad (5)$$

A restrição de orçamento público é, portanto, dada por:

$$\sum_i R_{ir}^Y + R_r^C + R_r^G + \sum_i R_{ir}^M + R_r^{HH} + v_{br} = vgm_r \quad (6)$$

Restrição orçamentária das famílias relaciona fator lucro líquido de pagamentos de impostos às despesas de consumo e investimento privado:

$$\sum_f evom_{fr} - R_r^{HH} = vpm_r + vim_r \quad (7)$$

Considerando as condições de concorrência perfeita com retornos constantes de escala, estas se aplicam para cada um dos setores produtivos:

$$Y_{ir}: \sum_f vfm_{fir} + \sum_j (vifm_{jir} + vdfm_{jir}) + R_{ir}^Y = vom_{ir} \quad (8)$$

$$M_{ir}: \sum_s (vxmd_{isr} + \sum_j vtwr_{jisr}) + R_{ir}^M = vim_{ir} \quad (9)$$

$$C_r: \sum_i (vdpm_{ir} + vipm_{ir}) + R_r^C = vpm_r \quad (10)$$

$$G_r: \sum_i (vdgm_{ir} + vigm_{ir}) + R_r^G = vgm_r \quad (11)$$

$$I_r: \sum_i vdim_{ir} = vim_r \quad (12)$$

$$FT_{fr}: evom_{fr} = \sum_i vfm_{fir} \quad f \in s \quad (13)$$

$$YT_j: \sum_r vst_{jr} = vt_j = \sum_{isr} vtwr_{jisr} \quad (14)$$

A função de produção é segmentada (hipótese da separabilidade) em três níveis: a) no primeiro nível, função de Leontief implica que a composição ótima de bens intermediários e recursos primários independe dos preços relativos destes dois componentes, de modo que é possível tratá-los de maneira independente; b) em seguida, as funções CES utilizam elasticidades de substituição entre os fatores de produção e entre os insumos intermediários para determinar a proporção ótima de recursos; c) por fim, dada a quantidade de bens importados que as firmas pretendem comprar, estas utilizam a elasticidade de Armington para determinar o quanto demandarão de cada região (FEIJÓ; ALVIM, 2010).

A simulação do Mercoeuuro no PAEG obedeceu o critério de eliminação de tarifas às importações para os países membros e tarifa externa comum.

O Quadro 1 mostra a agregação de regiões e produtos/setores utilizados na construção do Mercoeuuro no PAEG.

Quadro 1. Agregação de Regiões e Produtos/setores

Regional	Produtos/Setores
1. Brasil – Norte	Arroz em casca
2. Brasil – Nordeste	Grãos
3. Brasil – Centro-Oeste	Oleaginosas
4. Brasil – Sudeste	Cana de Açúcar
5. Brasil – Sul	Produtos de Origem Animal
6. Resto do Mercosul	Leite
7. Estados Unidos	Outros Produtos Agrícolas
8. Resto do Nafta	Alimentos
9. Resto da América	Têxteis
10. Europa (25)	Vestuário de Couro
11. China	Madeira
12. Resto do Mundo	Celulose
	Indústria Química
	Outras Manufaturas
	Água e distribuição de Gás e Eletricidade
	Construção
	Comércio
	Transporte
	Serviços

Fonte: Elaboração própria

Para simular o cenário Mercoeuuro, sendo este considerado uma área de livre comércio, foram retiradas todas as tarifas à importação entre as 7 regiões do bloco (cinco regiões brasileira, resto do Mercosul e União Europeia). Foi também aplicada uma tarifa externa comum.

Serão analisados a variação ocorrida no bem estar dos consumidores e no PIB após o choque, como alterações na importação e exportação.

Cabe aqui explicação quanto à mensuração do bem estar. Mensurado por meio da equação (15), a medida de variação equivalente expressa a mudança na renda do consumidor necessária para que se mantenha o mesmo nível de utilidade, aos preços do equilíbrio inicial, quando o consumidor enfrenta um novo conjunto de preços (VARIAN, 1992).

$$VE = \frac{(U^f - U^0)}{U^0} RA^0 \quad (15)$$

em que VE é a variação equivalente de bem estar; U^f indica o nível de utilidade final; U^0 representa o nível de utilidade inicial; e RA^0 representa a renda do agente privado no equilíbrio inicial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados utilizando o PAEG são úteis para analisarmos o impacto da criação de uma zona de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia, o Mercoeurol, nas regiões brasileiras.

A Tabela 1 mostra a variação percentual no bem estar e no PIB. Pode-se observar que, internamente, todas as regiões brasileiras seriam beneficiadas com tal acordo comercial. Destaque no bem estar para as regiões Sudeste e Sul, dada sua estrutura econômica mais sólida, que permite melhor aproveitar essa oportunidade.

Tabela 1. Variação Percentual no Bem estar e no PIB, para o Mercoeurol, com Regiões brasileiras

Região	Bem Estar		PIB
	%	US\$ (bilhão)	%
Brasil – Norte	0,007	0,003	-0,005
Brasil – Nordeste	0,367	0,406	0,046
Brasil – Centro-Oeste	0,371	0,268	0,079
Brasil – Sudeste	0,624	2,77	0,058
Brasil – Sul	0,479	0,809	0,054
Resto do Mercosul	0,903	1,586	0,04
USA	-0,006	-0,557	-0,001
Resto do Nafta	-0,005	-0,071	-0,002
Resto da América	-0,042	-0,256	-0,013
Europa	0,067	6,635	0,057
China	-0,022	-0,283	-0,009
Resto do Mundo	-0,009	-0,825	-0,007

Fonte: Cálculos da pesquisa

Resultado semelhante foi também encontrado por Figueiredo *et al* (2001), ao demonstrar que os benefícios de uma liberalização comercial entre Brasil e União Europeia seriam concentrados no agronegócio para o Brasil.

No que tange ao PIB, o incremento seria marginal, porém positivo, exceto para a região norte do país. Isso pode ser explicado pelo fato de que a abertura comercial deve reduzir o preço interno dos bens produzidos nessa região, dada concorrência externa, reduzindo o PIB, mas aumentando, mesmo que de forma também marginal, o bem estar.

Quando aos demais países, haveria tendência de aumento no bem estar do resto do Mercosul e União Europeia, que tenderia a crescer 0,90% e 0,07%, respectivamente. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Cypriano e Teixeira (2003), que verificaram aumento no bem estar dos países membros do Mercosul e União Europeia com a formação do Mercoeurol.

Para o resto do mundo, tendência de redução no bem estar e PIB. Isso decorre da formação do bloco econômico proposto, que tende a intensificar as trocas comerciais entre os países membros, em detrimento dos demais. Esse é um resultado condizente com aquele verificado por Gurgel *et al* (2002), ao determinar os impactos da formação da Alca e de um

possível bloco de comércio do Mercosul com a União Europeia, para o Brasil, em particular, e para os demais países envolvidos em tais blocos, enfatizando os efeitos sobre o setor agrícola.

A Tabela 2 apresenta a variação percentual nas exportações das regiões analisadas. Considerando-se as regiões brasileiras todos os setores apresentam aumento do volume das exportações, com exceção de oleaginosas nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, sendo que esta última região apresenta redução também nas exportações da *commodity* leite. Em média, o setor agropecuário brasileiro, apresenta crescimento médio do volume exportado de 6,84%, quando se considera arroz em casca, grãos, oleaginosas, cana de açúcar, produtos de origem animal, leite, outros produtos agrícolas e alimentos. Tendo destaque setores como o de alimentos, leite e arroz em casca que apresentam a maior variação percentual nas exportações.

Ampliando a análise para o restante do Mercosul o ganho médio no volume de exportação chega a 9,55%, com destaque para o setor de alimentos e arroz em casca. Contudo, setores como grãos e oleaginosas apresentam leve redução do volume exportado. Com relação aos países da União Europeia, há uma redução média nas exportações de 3,55%, para todos os produtos agropecuários, indicando assim uma intensificação do volume de comércio entre os países integrantes do Mercosul e os países integrantes da União Europeia, sendo o maior volume de exportações dos países do Mercosul.

Tabela 2. Variação Percentual nas Exportações de cada *commodity* selecionada, para o Mercoeuropa, com regiões brasileiras.

Produtos/Setores	Região											
	NOR	NDE	COE	SDE	SUL	RMS	USA	RNF	ROA	EUR	CHN	ROW
Arroz em casca	14,71	0,19	0,79	0,86	5,00	136,81	-0,39	-2,77	-5,43	-18,87	-0,65	-11,23
Grãos	5,62	2,26	2,92	3,00	3,02	-0,08	-0,01	-0,01	-0,04	-1,54	0,08	-0,11
Oleaginosas	4,71	-2,48	-1,43	-1,36	1,93	-1,16	0,72	0,37	1,02	-0,15	0,29	0,34
Cana de Açúcar	8,14	0,62	2,22	1,21	2,68	12,74	0,14	-0,01	0,23	-0,57	0,15	-0,14
Produtos de Origem Animal	6,22	1,47	2,95	0,13	4,42	11,84	-0,13	-0,06	0,27	-0,73	-0,36	-0,32
Leite	10,35	4,14	1,48	-0,49	4,72	-6,31	0,22	-0,05	0,41	-0,11		-0,16
Outros Produtos Agrícolas	8,87	3,66	2,55	4,97	3,82	17,65	-0,09	-0,05	-0,15	-1,35	-0,14	-0,43
Alimentos	44,41	37,27	21,94	45,27	10,92	13,38	-0,33	-0,27	-0,83	-2,88	-0,68	-0,97
Têxteis	5,53	-7,11	-6,78	-3,10	-3,29	3,47	0,02	-0,03	0,31	0,62	0,01	-0,01
Vestuário de Couro	13,66	-0,08	-0,14	2,37	-0,45	0,25	0,06	0,04	0,40	0,27	0,03	-0,03
Madeira	2,55	-1,62	-3,04	0,05	-1,84	-4,43	0,10	0,07	0,40	0,15	0,11	0,07
Celulose	-1,30	-4,06	-5,88	-2,91	-2,35	-5,54	-0,05	-0,03	-0,05	0,33	0,06	0,05
Indústria Química	-1,03	-8,52	-6,05	-2,84	-3,77	-3,16	-0,16	-0,09	-0,12	0,53	-0,12	-0,07
Outras Manufaturas	-4,46	-10,04	-11,75	-3,03	-5,87	-6,10	-0,18	-0,03	-0,21	0,73	-0,06	-0,02
Água e distribuição de Gás e Eletricidade	3,27	-2,53	-3,96	-1,95	-1,05	-2,13	0,25	0,07	0,52	-0,08	0,23	0,19
Construção	2,67	-3,24	-1,76	-0,17	-0,38	-2,08	0,14	0,12	0,36	-0,11	0,13	0,08
Comércio	2,91	-0,30	-2,80	-1,48	-1,11	-3,65	0,14	0,08	0,35	-0,03	0,12	0,05
Transporte	3,06	-1,60	-2,90	-1,22	-1,43	-2,25	0,17	0,13	0,35	-0,06	0,15	0,11
Serviços	2,01	-1,39	-2,35	-1,01	-0,80	-3,37	0,20	0,16	0,44	-0,07	0,17	0,15

Fonte: resultados da pesquisa.

Já países representativos do comércio internacional como Estados Unidos e China, destacados na agregação do modelo de equilíbrio geral, apresentam variação marginal de 0,01% e -0,19%, respectivamente, de variação média no volume exportado de produtos agropecuários.

Com relação às importações, a Tabela 3 mostra que, considerando todas as regiões brasileiras, há um aumento médio de 1,31% nas importações dos produtos agropecuários. Destaca-se que a região Norte apresenta queda nas importações em todos estes produtos, já as regiões Sul e Sudeste são as regiões beneficiadas com a maior abertura comercial e acesso a novos mercados. Os demais países do Mercosul também apresentam aumento do volume importado com destaque para os setores de alimentos, leite e arroz em casca.

Com relação aos países da União Europeia há um aumento do volume de importações dos alimentos, arroz em casca e outros produtos agrícolas. Contudo, produtos como grãos, oleaginosas e cana de açúcar apresentam queda média de -0,61% no volume importado. Países representativos como EUA e China ambos apresentam queda no volume de importação dos produtos agropecuários, sendo de -0,08% e -0,12%, respectivamente.

Tabela 3. Variação Percentual nas Importações de cada commodity selecionada, para o Mercoeuropa, com regiões brasileiras.

Produtos/Setores	Região												
	NOR	NDE	COE	SDE	SUL	RMS	VEN	USA	RNF	ROA	EUR	CHN	ROW
Arroz em casca	-2,74	1,90	2,29	3,95	1,19	26,70	-0,09	-0,20	-0,03	-0,35	6,57	-0,09	-0,06
Grãos	-0,46	0,75	1,02	2,65	1,56	3,81	-0,08	-0,06	-0,03	-0,28	-0,16	-0,04	-0,17
Oleaginosas	-0,93	1,36	1,52	4,23	0,81	6,46	-0,76	-0,06	-0,04	-0,66	-1,09	-0,38	-0,24
Cana de Açúcar	-2,32	1,36	1,09	2,50	1,09	6,74	-0,05	-0,04	-0,03	-0,23	-0,59	-0,05	-0,24
Produtos de Origem Animal	-0,27	1,56	1,95	4,33	1,55	3,51	-0,02	-0,05	-0,01	-0,25	-0,79	-0,03	-0,04
Leite	-2,64	0,05	1,15	4,14	0,63	8,67	-0,08	-0,10	-0,04	-0,34	-0,49	-0,05	-0,05
Outros Produtos Agrícolas	-1,34	1,05	1,56	3,73	1,90	6,21	-0,12	-0,09	-0,05	-0,37	0,30	-0,12	-0,12
Alimentos	-0,84	0,70	2,84	1,78	5,75	12,15	-0,42	-0,08	-0,06	-0,43	2,34	-0,23	-0,14
Têxteis	-0,75	-0,04	1,46	1,86	3,52	3,02	0,00	-0,04	0,00	-0,06	0,17	-0,03	-0,02
Vestuário de Couro	-1,80	0,30	1,10	-0,18	17,43	9,03	-0,03	-0,07	-0,06	-0,29	0,18	-0,26	-0,03
Madeira	-1,88	0,53	1,98	0,16	15,44	5,67	-0,13	-0,08	-0,02	-0,29	0,14	-0,13	-0,04
Celulose	0,07	-0,42	0,59	11,61	4,51	8,18	-0,05	-0,08	-0,02	-0,20	0,01	-0,05	-0,06
Indústria Química	0,62	0,33	1,61	4,25	1,69	3,16	-0,04	-0,09	-0,03	-0,13	0,14	-0,05	-0,04
Outras Manufaturas	1,07	0,78	0,53	6,96	3,02	4,40	-0,08	-0,06	-0,02	-0,14	0,21	-0,05	-0,02
Água e distribuição de Gás e Eletricidade	-2,00	-0,88	1,18	-1,00	0,29	-0,07	-0,11	-0,06	-0,04	-0,44	0,09	-0,07	-0,07
Construção	-2,17	1,58	1,69	-0,28	-0,46	0,75	-0,08	-0,07	-0,05	-0,16	0,05	-0,07	-0,04
Comércio	-1,16	-1,10	0,99	-0,40	0,60	1,04	-0,07	-0,06	-0,03	-0,17	0,04	-0,05	-0,02
Transporte	-1,60	0,26	1,14	-0,43	1,08	1,35	-0,09	-0,05	-0,03	-0,10	0,07	-0,04	-0,02
Serviços	-1,87	0,48	1,22	0,00	-0,02	0,96	-0,11	-0,10	-0,03	-0,19	0,04	-0,07	-0,05

Fonte: resultados da pesquisa.

Os resultados de importação e exportação apresentados corroboram a hipótese inicial do trabalho, evidenciando que a formação do Mercoeuropa tende a intensificar as trocas comerciais entre os países membros.

4. CONCLUSÃO

Os resultados apresentados no presente trabalho demonstram que a criação de uma área de livre comércio envolvendo países do Mercosul e União Europeia, o Mercoeuropa, seria salutar para os países membros, principalmente para aqueles do primeiro bloco.

As variações no PIB e bem estar foram positivas para a maioria dos países membros, sobretudo para os integrantes do Mercosul. Dentre as regiões brasileiras, destaque para Sudeste e Sul, com maior especialização produtiva e base econômica melhor estruturada que as demais.

Assim, os resultados nos levam a aceitar a hipótese inicial de que a formação de blocos comerciais entre países tende a intensificar as trocas comerciais entre os países membros, aumentando a especialização produtiva naqueles produtos/setores que detenham vantagens comparativas, aumentando o bem estar dos consumidores.

Contudo, carece de investigação mais aprofundada, que possa revelar aqueles setores que seriam mais beneficiados, ensejando políticas públicas direcionadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITENCOURT, M. B. **Impactos dos Acordos da Rodada Uruguai, Mercosul, Alca e Rodada do Milênio na Triticultura Brasileira: aplicação do Modelo GTAP** (Dissertação de Mestrado). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2000.

BRUM, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. 25.ed. Ijuí : UNJUÍ, 2008.

BUENO, E. U. **A Entrada da Venezuela no Mercosul: uma análise de equilíbrio geral computável sobre os impactos setoriais no Brasil** (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2013.

CYPRIANO, L. A.; TEIXEIRA, E. C. **Impactos da ALCA e do Mercoeuropa no Agronegócio do Mercosul**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Volume 41, n. 2, p.217-239, abr./jun. 2003.

FEIJÓ, F.; ALVIM, A. **Impactos Econômicos para o Brasil de um Choque Tecnológico na Produção de Etanol**. Economia, Brasília, v. 11, n. 3, p. 691-710, set./dez. 2010.

FIGUEIREDO, A. M. R.; FERREIRA, A. V.; TEIXEIRA, E. C. **Impactos da Integração Econômica nas Commodities da Economia Brasileira e da União Europeia**. Revista Brasileira de Economia (RBE), Volume 55, n. 1, p.77-106, 2001.

FONSÊCA, M. B.; SOARES, M. L. R. **Efeitos da hipotética formação do Mercoeuropa sobre as exportações de carne bovina brasileira para a União Europeia: uma análise de equilíbrio parcial**. In: XLV Congresso da Sober, 2007, Londrina, PR. Anais... Brasília: SOBER, 2007.

GURGEL, A. C.; BITENCOURT, M. B.; TEIXEIRA, E. C. **Impactos dos Acordos de Liberalização Comercial Alca e Mercoeuropa sobre os Países Membros**. Revista Brasileira de Economia (RBE), Volume 56, n. 2, p.335-369, 2002.

GURGEL, A. C.; PEREIRA, M. W. G.; TEIXEIRA, E. C.. **A Estrutura do PAEG**. Technical Paper n. 1. Viçosa, 2010.

KEGEL, P. L.; AMAL, M. **Perspectivas das Negociações entre o Mercosul e a União Europeia em um Contexto de Paralisia do Sistema Multilateral e da Nova Geografia Econômica Global**. Revista de Economia Política, vol 33, nº 2 (131), pp 341-359, abril-junho/2013.

LANDIN, R. **Oferta do Mercosul para a Europa está quase pronta**. Disponível em: <<http://www.folha.com.br>>. Acesso em: 10.dez 2013.

PEREIRA, M. W. G. **Impactos da Redução da Carga Tributária na Economia Brasileira: uma análise da competitividade setorial nos cenários ALCA e Mercoeuero**. (Dissertação de Mestrado). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2008.

PINTO, Messias de Sá. **A Área de Livre Comércio das Américas e os Interesses da União Europeia na América Latina** (Tese de Doutorado). Braga (Portugal): Universidade do Minho, 2004.

RICARDO, David. **Princípios da economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RUTHERFORD, Thomas F. *GTAP6inGAMS: The Dataset and Static Model*. The World Bank Resident Mission, Moscow, 2005.

SILBER, Simão D.; CURZEL, Rosana. **Reações da Economia Argentina à formação da ALCA: um modelo de equilíbrio geral** (Informações FIPE). Rio de Janeiro, FIPE, 2007.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações** (Coleção Os Economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

TEIXEIRA, E. C.; PEREIRA, M. W. G.; GURGEL, A. C. (organizadores). **A Estrutura do PAEG**. Campo Grande: Life Editora, 2013.

VARIAN, H.R. **Microeconomic analysis**. 3.ed. New York: Norton, 1992.